

A FORMAÇÃO DISCURSIVA DO JOGADOR DE FUTEBOL EM ENTREVISTAS PARA TV

Elder Pereira DIAS

(elderdias@yahoo.com.br)

Universidade Federal de Goiás (UFG - mestrando)

INTRODUÇÃO

Por que estudar o que seria uma formação discursiva (ou FD) do jogador de futebol? Qual seria a importância desse trabalho? Apesar de considerar que nenhuma pesquisa é vã em si, a academia parece fazer uma gradação e dar uma valoração diferenciadas a temas que lhe são propostos, o que é perfeitamente compreensível. Nessa perspectiva, restava-me formular uma defesa que pudesse ser considerada satisfatória do objeto jogador de futebol (e, por tabela – sem trocadilho – de seu esporte) como material rico para os estudos da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD) no Brasil.

Nesse intuito, fui feliz na minha primeira investida, ao convencer a professora Kátia Menezes de Souza¹, então uma recém-doutora, a bancar a orientação de uma pesquisa de dissertação de mestrado sobre o discurso do jogador de futebol em entrevistas a emissoras de TV. Resta agora, brevemente, enredar uma justificativa para o convencimento de um maior público.

Acredito que uma boa razão para um trabalho nessa área com esse viés seja justamente a democrática abertura que a AD – depois de sua fase inicial, marcada pelo discurso político (daí a explicação para o uso Análise “do” Discurso) – dá a trabalhos com os mais variados tipos de *corpus*; outra, o estereótipo que tal *corpus* (entrevistas de jogadores) tem no imaginário brasileiro; uma terceira, o fato de o futebol ser parte constitutiva da identidade nacional; por último, a constatação de que, embora imersos em uma “cultura da bola”, ao mesmo tempo tem-se um relativo desprezo do futebol como material para estudos científicos.

Na primeira parte desse texto, refletimos sobre o conceito de formação discursiva e outra noção inarredável – o interdiscurso – a ele; na segunda e última, fazemos uma breve descrição sobre a constituição da formação discursiva do jogador de futebol e alguns dos discursos que a atravessam.

FORMAÇÃO DISCURSIVA, UMA TRAJETÓRIA

O advento da noção de formação discursiva, elaborada por Foucault e fundamental para os estudos da Análise do Discurso de linha francesa, foi apreendido e retrabalhado por Pêcheux em seus pressupostos teóricos para a área². Entretanto, ao discorrer sobre esse conceito na visão pecheutiana, é impossível não rememorar outros dois, bastante próximos, o de *formação ideológica* e o de *formação imaginária*.

¹ Professora do Programa de Pesquisa em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás.

² Não há dúvida de que Pêcheux resolveu adotar a mesma nomenclatura que Foucault para sua formulação. Não obstante, existe uma certa (e fundada) discussão, como retoma Baronas (2004), sobre se no pensamento pecheutiano já não haveria “o gérmen desse conceito”, que teria se mostrado em texto anterior a *A arqueologia do saber*, obra no qual Foucault utilizou pela primeira vez a expressão “formação discursiva”.

Sobre o primeiro desses dois conceitos, Brandão (1996, p. 38, grifos da autora), ao citar Haroche et alii, lembra que

falar-se-á de formação ideológica para caracterizar um elemento (...) suscetível de intervir como uma força confrontada com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado; cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras.

Palavras e expressões sofrem mudança de sentido de acordo com as posições e as convicções daqueles que delas fazem uso, segundo delinea a perspectiva de Pêcheux (1997). Os sentidos dos termos se determinam em conformidade com as formações ideológicas nas quais se inscreve o enunciador. Assim, de acordo com o emissor do enunciado, a valoração da palavra ou da expressão passa por alterações. Como exemplo, pode-se notar essa diferenciação tomando-se a palavra “terra”: tal termo tem aplicação e significação bem diferentes se a observamos pronunciada por um dono de latifúndio e, logo em seguida, a escutamos da boca de um militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Nessa mesma linha de pensamento, a expressão “Deus nos honrou com sua glória” terá um certo (efeito de) sentido na homilia de um padre durante uma missa dominical e outro, bem diverso do primeiro, em uma resposta de um jogador de futebol a um repórter depois de uma partida em que o seu time tenha saído vencedor. Mais do que isso, poder-se-ia dizer que tal efeito de sentido ainda mudaria se o autor do enunciado fosse o mesmo jogador, mas o resultado tivesse sido outro – uma derrota ou um empate. Indo um pouco mais além, tal sentido seria alterado até mesmo se o placar fosse idêntico, mas as circunstâncias (suas condições de produção) fossem diferentes.

Ao entender o discurso como aspecto material da ideologia, a AD de Pêcheux compreende o que é discursivo como ideológico. Desse modo, como as formações ideológicas se constituem da (inter)ligação entre diversas formações discursivas, pode-se afirmar que os discursos são guiados por essas formações ideológicas. Podemos, então, arriscar a dizer que a formação discursiva pode ser entendida, em Pêcheux, como a forma pela qual se manifesta uma (ou mais de uma) formação ideológica em uma dada situação de enunciação.

Baseado em premissas de Lacan sobre o imaginário, Pêcheux (1997) define sua noção de *formações imaginárias*, que seriam manifestações sempre erigidas tendo como base processos discursivos anteriores. Sua atuação se daria por meio do mecanismo de *antecipação*, das *relações de força* e das *relações de sentido*: ao se colocar na posição de enunciador, o sujeito projeta, pela antecipação, uma representação do receptor, por meio da qual planeja sua estratégia discursiva; as relações de força dizem respeito ao lugar de onde ele fala e ao lugar que ocupa o seu interlocutor; e as relações de sentido se referem ao fato de que cada discurso ocorre por remissão a outros, já-ditos. É preciso ressaltar aqui que as formações imaginárias³

³ De certo modo, as formações imaginárias atuam como o avesso da célebre expressão tupiniquim “você sabe com quem está falando?”, geralmente associada à invocação do chamado “jeitinho brasileiro”. Seria algo como “quem é esse com quem estou falando?”, expressão equivalente ao “quem é ele para que eu lhe fale assim?” de Pêcheux (1990).

não se vinculam a sujeitos ou lugares físicos, mas às imagens que resultam de suas projeções.

Da observação da interação entre repórter esportivo e jogador de futebol podemos extrair amostras corriqueiras para verificar essa atuação das formações imaginárias. Por exemplo, nesse tipo de interação discursiva, o tratamento dado ao interlocutor parece depender bastante do *status* (lugar) que se ocupa e daquele ocupado por esse interlocutor, de forma que um profissional de uma emissora de rádio do interior certamente não terá a mesma imagem de um jornalista da Rede Globo nas projeções elaboradas, por exemplo, por um atacante famoso de uma equipe da Primeira Divisão do futebol brasileiro. De igual modo, um jogador desconhecido e outro renomado provavelmente receberão questionamentos e atenções diferentes do mesmo repórter.

Formações ideológicas – como arcabouço das convicções do sujeito – e formações imaginárias – como responsáveis pelo surgimento das projeções e imagens que conduzem as estratégias do discurso – são, portanto, elementos componentes indissociáveis da constituição das formações discursivas, segundo a abordagem de Pêcheux.

A partir de uma posição e uma situação dadas, as formações discursivas acabam por determinar aquilo que, no discurso, “*pode e deve ser dito*”, como ele, Pêcheux (1997, p. 160, grifo do autor), conclui. Como extensão desse pressuposto, selam também o destino do que *não pode e não deve ser dito*. Lugar simultâneo de unidade e de dispersão, heterogênea a si mesma, toda formação discursiva se caracteriza por instaurar “várias linguagens em uma única⁴” (COURTINE E MARANDIN, 1981, p. 24). Fica, dessa forma, afastada a possibilidade de se compreender cada FD como um bloco hermeticamente fechado, impenetrável, e que se oporia a outras formações discursivas, como chegou a preconizar Pêcheux em uma primeira fase da Análise do Discurso, chamada convencionalmente de AD-1.

Pois é o próprio estudioso que, na segunda fase da disciplina (AD-2), concebe uma heterogeneidade dentro do conceito de formação discursiva e a coloca em diálogo com a noção de interdiscurso. Consideramos que os fundamentos dessa visão heterogênea e nada uniforme advêm da apreensão do conceito segundo Foucault:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (FOUCAULT, 1997, p. 43, grifo do autor).

Pois bem, a regularidade que Foucault requer não se encontra encerrada dentro de um bloco, mas se mostra a partir de uma transitoriedade de “correlações, posições e funcionamentos, transformações”, não apreensíveis e jamais homogêneas, óbvias. O segredo de cada formação discursiva se encontra, portanto, exatamente no alcance que tem o(s) interdiscurso(s) que a atravessa(m). Daí, o primado do interdiscurso na constituição de cada formação discursiva, que será assumido pela AD em sua terceira fase.

Sobre o conceito de interdiscurso, temos em Courtine (1981, p.35) uma

⁴ Tradução nossa do original francês, para o presente trabalho.

definição clássica, segundo a qual

o interdiscurso é o lugar no qual se constituem, para um sujeito falante que produz uma seqüência discursiva dominada por uma determinada FD, os objetos de que tal sujeito enunciador se apropria para fazer deles objetos de seu discurso, assim como as articulações entre esses objetos, por meio dos quais o sujeito enunciador vai dar coerência a seu propósito.⁵

Ou seja: tomando a formação discursiva do jogador de futebol, o “lugar” em que ela se coligaria com objetos de outros discursos (outras formações discursivas) determinaria a zona de atuação do interdiscurso. O problema que aqui pode perigosamente irromper é a simplificação do conceito, com uma tendência a colocar o interdiscurso em um espaço estático. Ao contrário, “os discursos se entrecruzam em todos os sentidos, multiplicam-se indefinidamente em várias dimensões” (MAINGUENEAU, 2005, p. 26).

O estatuto do interdiscurso deveria ser, portanto, mais abrangente. De fato, na terceira etapa da AD se reconhece o primado do interdiscurso. Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 286, grifos dos autores), na abordagem do conceito, dizem que

em um sentido restritivo, o “interdiscurso” é também um espaço discursivo, um conjunto de discursos (...) que mantêm relações de delimitação recíproca uns com os outros. Mais amplamente, chama-se também de “interdiscurso” o conjunto das unidades discursivas (...) com as quais um discurso particular entra em relação implícita ou explícita.

Assim, já não se pode afirmar que se enuncia a partir de um discurso (ou de uma formação discursiva), mas – de outra forma – não seria incorreto afirmar que todo enunciado ocorre a partir de (ou através de) um (inter)discurso. A interdiscursividade torna a formação discursiva um domínio instável, sem contorno preciso, e, por conseqüência, sem a mínima chance de expressar uma visão estática do grupo social de que faz parte, como salientava a visão da maquinaria estrutural fechada da AD-1. A constituição de cada formação discursiva é sempre realimentada no confronto com as outras, que a “atravessam” e (re)definem sua área de interdiscurso.

ASPECTOS DA CONSTITUIÇÃO DA FD DO JOGADOR

Reconhecendo o primado do interdiscurso, observa-se uma zona de alcance da interdiscursividade que tende a variar de formação discursiva para formação discursiva. Alguns discursos parecem, à primeira vista, se mostrar, por sua própria natureza, mais permeáveis à penetração de outros discursos. Como exemplo, poderíamos nos atentar ao discurso publicitário. Por conseqüência desse pressuposto, haveria também discursos aparentemente menos suscetíveis à atuação interdiscursiva, no qual poderíamos encaixar o discurso do futebol.

Vejam os dois exemplos, o primeiro retirado de uma peça publicitária e o segundo, do *corpus* da pesquisa de mestrado que ora encetamos:

A) Skol – A cerveja que desce redondo.

B) *Repórter – Gustavo, o time do Goiás é... bem que no primeiro tempo não conseguiu*

⁵ Tradução nossa do trecho original francês para o presente trabalho.

segurar o Flamengo. No segundo tempo a coisa parece que inverteu, né?

GUSTAVO - É verdade. Nós procuramos... mudar a situação do que houve no primeiro tempo, né? Nós fizemos um primeiro tempo muito apático, onde o/ a equipe do Flamengo lutou mais pela bola, foi melhor time do que a gente... Agora no segundo tempo viemos com a proposta de jogo de pelo menos marcar mais forte e ter di/ a dedic/ a dedicação, né? Felizmente conseguimos isso aí, um empate aí com sabor de vitória. (Entrevista 64, abril/2004)

Como é característico do discurso publicitário, o slogan da cerveja Skol deixa transparecer, em poucas palavras, a atuação do interdiscurso. De fato, as ordens dadas pelos slogans constituem a FD publicitária e fazem emergir um enunciado que “deve ser dito” para que a peça no qual se insere atinja sua finalidade – a de convencer o consumidor a comprar o produto por ela anunciado.

No exemplo A, a forma verbal “desce” remete primordialmente a uma sensação física. Porém, na linguagem popular, o verbo *descer* significa também algo que se é capaz de suportar, de tolerar. Um assíduo freqüentador de bares provavelmente faria uso do termo para designar qualquer bebida que tivesse a capacidade de ingerir, mesmo que dela não fosse exatamente um apreciador. O tempo verbal utilizado, no presente do indicativo, causa o efeito de sentido de continuidade, constância, isto é, dá à ação do sujeito da frase uma qualidade de intermitência.

A palavra “redondo”, aqui utilizada com função de advérbio, faz no enunciado alusão a uma forma geométrica tida como perfeita e que conduz a uma imagem de suavidade, maciez, deslizamento pleno. Assim, para quem bebe – talvez, mais do que isso, para quem gosta de beber –, a Skol avisa que oferece uma cerveja não só tolerável de ser consumida, mas que dá prazer e evita atritos durante sua degustação. Finalmente, a escolha do artigo definido para determinar o sujeito (“a cerveja”) não deixa dúvidas sobre qual marca o consumidor deverá pedir para ter direito a tais sensações etílicas. Em um curto enunciado de propaganda, constatam-se inserções de FDs da Física e da Geometria, portanto.

Bem mais extensa que o slogan publicitário, a resposta do lateral Gustavo, do Goiás, produzida após o empate da equipe com o Flamengo por 2 a 2, pelo Campeonato Brasileiro de 2004, parece trazer uma dificuldade bem maior para a apreensão de palavras e expressões que remetam mais rapidamente a outro(s) discurso(s). Mas elas, mesmo que mais sub-repticiamente, existem, e, será através delas que, poderemos chegar à constituição de uma FD do jogador de futebol.

Um exemplo de captura interdiscursiva é o verbo *lutar* – bastante utilizado no meio esportivo e particularmente na linguagem do futebol –, que traz à tona a presença do discurso militar. A expressão “empate com sabor de vitória” tenta levar a uma contextualização mais material, sensitiva, à sensação de chegar a um resultado satisfatório (embora não o ideal) dentro das condições de produção impostas pelo desenrolar do jogo, já que o Goiás fizera “um primeiro tempo muito *apático*” – adjetivo que remete ao discurso médico – e chegou ao empate após desvantagem de dois gols no placar. O fato de toda a resposta de Gustavo se dar na primeira pessoa do plural (“procuramos”, “nós fizemos”, “a gente”, “viemos” etc.) traz o efeito de sentido de coletividade, ligado, como veremos, ao discurso familiar.

Abaixo, mais dois excertos de entrevistas de jogadores:

Repórter – Apareceu uma oportunidade hoje e você deixou a sua marca duas vezes.

ALEX - É verdade, eu acho que o importante é ajudar a equipe do Goiás a conseguir as vitórias. É somar pontos pra... que a gente possa chegar no alto da tabela. É um campeonato difícil, sabemos das dificuldades... você viu hoje no jogo de 2 a 0 e a gente conseguiu buscar o placar, conseguimos empatar. (...) acho que é isso que é importante, eu acho a artilharia muito importante ser, se tiver que ser artilheiro vou agradecer a Deus e meus companheiros e ao meu talento de poder fazer os gols. (Entrevista 68, abril/2004)

Repórter – Zinho, foi um resultado injusto?

ZINHO - ...não foi bom, né? O jogo tava na nossa mão... a gente... na situação que tá, pelo amor de Deus!... Não podemos desperdiçar uma chance dessa, viramo 2 a 0, tivemos mais chance pra matar... então, é... bobeadas nossas, erros nossos... o Goiás foi na dele, buscou até o final e teve seus méritos. (Entrevista 69, abril/2004)

A partida em questão é a mesma do exemplo anterior. O time goiano jogava em casa e perdia por 2 a 0 até perto do fim do jogo, quando Alex fez dois gols, o que frustrou a expectativa da primeira vitória rubro-negra no Campeonato Brasileiro, já então em sua 7ª rodada. A reação do sujeito do primeiro excerto, Alex, diante de um cenário totalmente favorável a si – ele tinha sido o principal responsável por evitar uma derrota de sua equipe e despontava, naquele momento, como artilheiro da competição –, é, conforme a formação discursiva do jogador de futebol, dividir os louros com os companheiros no sucesso do presente (“a gente conseguiu buscar o placar, conseguimos empatar”) e na possível conquista vindoura⁶ (“se tiver que ser artilheiro vou agradecer a Deus e aos meus companheiros”). Nesse segundo enunciado, o agradecimento aos céus vem acompanhado de um certo fatalismo messiânico, no trecho “se eu tiver que ser o artilheiro”. A expressão soa como se o fato de marcar mais gols em um campeonato fosse uma concessão divina, uma graça recebida, que imporia ao jogador uma alcunha sacra, algo como “Alex, o Escolhido”⁷.

A reação de Zinho é oposta. Nada de se sentir agraciado; pelo contrário, o jogador do Flamengo entende o resultado como a continuação de uma maldição, quando diz “na situação que tá, pelo amor de Deus!”. A interjeição – usada geralmente em contextos que envolvem clamor, súplica – mostra a impaciência com o destino implacável, com a fatalidade de o seu time ter tomado o gol de empate aos 47 minutos do segundo tempo. Mas Zinho não deixa, também, de dar a César o que é de César, ao dizer que foi por causa de “bobeadas nossas, erros nossos” que aconteceu tal resultado.

Observando os dois trechos acima, é interessante notar, em situações opostas, como a vitória abençoada e a derrota amaldiçoada, a impossibilidade de o jogador ter seu discurso dominado pelos pronomes na primeira pessoa do singular. A essência coletiva do futebol se impõe, assim no campo como na língua: o jogador, sozinho, é um humilde servo do grupo, que, por sua vez, parece sempre esperar contar também com a ajuda de uma força sobrenatural para garantir o resultado do trabalho e do sacrifício realizado durante os treinamentos.

Em um rápido apanhado a partir das três entrevistas de jogadores aqui apresentadas, acredito não ser difícil observar a presença de algumas FDs

⁶ Como curiosidade, o atacante do Goiás foi artilheiro até meados do 2º turno da competição, mas, depois, chegou a ficar mais de três meses sem fazer gol. Terminou como vice-artilheiro, com 22 gols, atrás de Washington, do Atlético Paranaense, que marcou 34. No corrente Campeonato Brasileiro, Alex – agora Alex Dias – faz sucesso como a maior estrela do Vasco.

⁷ Nesse sentido, Romário foi além, após um jogo contra o Corinthians, também no Brasileiro de 2004. Como o próprio enviado divino, o *Baixinho* disse aos repórteres: “Quando eu nasci, Deus apontou o dedo pra mim e falou: ‘esse é o cara’”.

constituintes de seu discurso. Vejamos então.

Deixa-se emergir uma FD *militar*, pela qual o jogador, em sua própria formação discursiva, não deve jamais dar sinais de rendição, de conformidade com a derrota; pelo contrário, em uma situação de revés solicita-se do sujeito jogador uma posição de perseverança em busca de seu objetivo, uma reafirmação de sua disposição para a luta, seja “pela bola”, como disse o lateral Gustavo, seja para “matar” o jogo, como se expressa o meia Zinho.

Aparece uma FD *familiar*, que intervém no discurso do atleta de forma a fazê-lo considerar seus próprios feitos – como fica bem marcado no trecho do artilheiro Alex, do Goiás – como feitos do grupo. O que alguém conquista é fruto do trabalho e da união de todos, jamais da individualidade de um craque – pelo menos, nas teias da formação discursiva. O indício mais notório da presença dessa característica na FD do jogador é a utilização freqüente e, poderia se dizer, até hegemônica da primeira pessoa do plural (“nós”, “a gente”) em vez da primeira pessoa do singular (“eu”) nos enunciados acima e em todo o *corpus* da pesquisa.

Existe uma FD *pedagógica*, a partir do momento em que cada jogador mostra-se responsável pela execução de uma função “ensinada” pelo técnico. Cada atleta “sabe” o que deve ser feito por ele e pela equipe e isso aparece em seu discurso, como nas avaliações que Gustavo, do Goiás, e Zinho, do Flamengo, fazem do proceder de seus respectivos times durante a partida e das lições a serem aprendidas para o próximo jogo.

Apresenta-se uma FD *religiosa*: não raras vezes, o sujeito jogador condiciona, por seu discurso, sua sorte às forças divinas, como fizeram Alex e Zinho nos trechos citados. A fé parece ser ajuda indispensável para ganhar uma partida. O universo do esporte (e especificamente do futebol) é de tal forma permeado pela presença desse efeito de sentido que soará como declaração escandalosa – no dia em que ela for expressada – uma frase como “Deus não me ajudou em nada, a vitória foi fruto do meu empenho e só isso”.

Há a presença de uma FD *operária*. Apesar de suas particularidades, o atleta é um trabalhador assalariado, que tem de mostrar serviço a seus patrões (cujos simulacros seriam o técnico, a diretoria do clube e a torcida). Assim, seu discurso é sempre carregado de referências mais ou menos explícitas ao mundo do trabalho, onde qualquer “bobeada” – como fala o flamenguista Zinho, em um tipo de referência menos explícita – pode significar um puxão de orelhas do chefe.

Entrevê-se uma FD *artística*. O jogador é um sujeito artístico e se dá conta de que faz parte de um espetáculo, de que seu ofício é algo que se mostra a um outro (“você viu”, como disse Alex acima). Assim, como uma estrela da TV, o jogador assume uma preocupação com a estética dentro e fora de campo: em um mundo cada vez mais espetacularizado, é importante jogar bonito, sempre que isso for possível, e parece ser igualmente essencial se mostrar atraente às câmeras, seja com um detalhe no penteado, um brinco, um adereço na cabeça ou no pulso ou uma chuteira de cores chamativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito ter repassado, ainda que rapidamente, indícios válidos para a elaboração de um perfil da constituição da formação discursiva do jogador de futebol. A partir disso, passo a algumas breves considerações, em relação ao conteúdo do

presente texto.

Primeiramente, creio que o uso do advérbio “aparentemente” com função modalizadora em referência a discursos mais ou menos suscetíveis de atuação do interdiscurso, ao comparar a FD publicitária à FD do jogador de futebol, salvou-nos de cometer uma maior temeridade. Isso porque não se pode afirmar que haja uma suscetibilidade maior ou menor para a incidência interdiscursiva em determinada FD. Para cada enunciado, parece – e eu digo “parece” – haver uma trama (inter)discursiva particular.

Outra questão diz respeito à quantidade de FDs (mais) presentes no discurso do jogador de futebol. Pelo que observei durante o trabalho de pesquisa para a dissertação ora em fase conclusiva, creio que as seis citadas acima – FDs militar, familiar, pedagógica, religiosa, operária e artística – possam ser as que têm uma relevância maior e mais constante nos enunciados do jogador. Entretanto (e não poderia ser de outra forma) outras FDs também se deixaram entrever no *corpus* analisado, como por exemplo a *matemático-estatística*, a *felicilatativa*, a *afetiva*, a *jurídica*, a *médica*, a *pesarosa* e a *científica*.

Mais do que buscar uma tipologia, entretanto, o objetivo foi dar um olhar analítico e discursivo a uma matéria que remete quase sempre a piadas, paródias e estereótipos. Entrevistas de jogadores de futebol nem sempre vão além do “nós vamos dar tudo de si (*sic*)”. Mas, mesmo nesse pequeno e surrado enunciado – que se incluiria no que um dia resolvi chamar de nas declarações “algodão-doce sem açúcar⁸” – há um mundo no qual a AD, definitivamente, pode penetrar e fazer descobertas interessantes.

BIBLIOGRAFIA

BARONAS, R. L. Formação discursiva em Pêcheux e Foucault: uma estranha paternidade. Em: SARGENTINI, V. e BARBOSA, P. N (orgs.). *M. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos, Claraluz, 2004.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas, Editora da Unicamp, 1996.

CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo : Contexto, 2004. Trad. Fabiana Komesu (coord.).

COURTINE, J. J. *Analyse du discours politique: le discours communiste adressé aux chrétiens*. Langages 62. Paris, Didier-Larousse, 1981.

_____ e MARANDIN, J. M. “Quel object pour l’analyse du discours?” Em: *Materialités discursives*. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1981, p. 21-33.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, Editora da Unicamp, 1997. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al.

_____. Análise automática do Discurso (AAD-69). Em: GADET, F. & HAK, T.

⁸ Expressão usada por mim em referência ao conteúdo de certas interações entre repórteres e jogadores –algo que apresenta volume, mas absolutamente sem conteúdo expressivo.

(orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Editora da Unicamp, 1990, pp. 61-151. Trad. Bethania S. Mariani et al.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1997. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Curitiba, Criar, 2005. Trad. Sírio Possenti.